

ÀS MARGENS DO RIO

# AMAZONAS

KIMIE IWATA



2022

ÀS MARGENS DO RIO

# AMAZONAS

KIMIE IWATA



2022

2022 by Editora e-Publicar  
Copyright © Editora e-Publicar  
Copyright do Texto © 2022 A autora  
Copyright da Edição © 2022 Editora e-Publicar  
Direitos para esta edição cedidos à Editora e-Publicar pela autora.

**Editora Chefe**

Patrícia Gonçalves de Freitas

**Editor**

Roger Goulart Mello

**Diagramação**

Roger Goulart Mello

Dandara Goulart Mello

**Projeto Gráfico e Edição de Arte**

Patrícia Gonçalves de Freitas

**Revisão**

Maria Jacqueline Ramos Iwata

Todo o conteúdo do livro, dados, informações e correções são de responsabilidade exclusiva da autora. O download e compartilhamento da obra são permitidos desde que os créditos sejam devidamente atribuídos a autora. É vedada a realização de alterações na obra, assim como sua utilização para fins comerciais.

A Editora e-Publicar não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

Iwata, Kimie.  
196m As margens do Rio Amazonas [livro eletrônico] / Kimie Iwata;  
colaboradora Maria Jacqueline Ramos Iwata. – Rio de Janeiro, RJ:  
e-Publicar, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-65-5364-017-7

DOI 10.47402/ed.ep.b202211080177

1. Japoneses – História – Amazônia. 2. Imigrantes – História –  
Amazônia. I. Iwata, Jacqueline. II. Título.

CDD 305.8956

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

**Editora e-Publicar**

Rio de Janeiro – RJ – Brasil  
contato@editorapublicar.com.br  
www.editorapublicar.com.br



**2022**

# PREFÁCIO

Esta obra é um relato minucioso documentado pela minha avó paterna, Sra. Kimie Iwata, a respeito de sua experiência como imigrante no Brasil. São narrativas detalhadas com potencial colaborativo para pesquisas acadêmicas sobre os imigrantes japoneses no Brasil, especificamente no Amazonas. Recomendado também a qualquer leitor que tenha interesse nesta temática. A primeira versão foi no idioma japonês, língua materna da autora, e recebeu a colaboração de sua irmã Sra. Yayoe Kada, que morava no Japão, mas muito motivou minha avó a registrar sua própria odisseia e participou na escrita e organização do material. Posteriormente recebeu o tratamento de uma gráfica no Japão e foram produzidos vários exemplares no idioma japonês e presenteados aos amigos de meus avós. E assim, nasceu a primeira versão do “ÀS MARGENS DO RIO AMAZONAS” o qual carinhosamente recomendo a leitura.

Era meado da primavera de 1930 na Terra do Sol Nascente, quando o jovem casal se despediu de seus familiares e amigos, e embarcaram no navio Santos Maru com destino ao Brasil, na companhia de mais de setecentos conterrâneos. Além das malas com seus pertences, traziam no coração muita esperança, coragem e determinação que se intercalavam com a saudade e a incerteza se um dia voltariam à terra natal. A viagem ao extremo ocidente permitia algumas paradas em cidades portuárias para o abastecimento de suprimentos e compras de itens locais pelos tripulantes, as vezes também era possível uma breve excursão na cidade visitada para aliviar a ansiedade e o estresse. A viagem durou 72 dias desde o porto de partida até o último destino no município de Maués no Amazonas em plena floresta amazônica. O jovem casal estava “grávido” de seu primogênito, curiosamente, o bebê primogênito era o meu pai, que nasceu dois meses após a chegada ao Brasil. Apesar da situação de imigrantes em terra desconhecida e desamparados pela empresa contratada para dar suporte aos imigrantes, aprenderam a cultivar o solo, adquiriram sua própria terra, aumentaram sua produção para a

comercialização e construíram uma numerosa família de sete filhos, atualmente seus descendentes somam a quinta geração.

***Maria Jacqueline Ramos Iwata***  
*Manaus, novembro de 2021*

# SUMÁRIO

PREFÁCIO.....	4
1 – A PARTIDA.....	8
2 – A VIAGEM.....	9
3 – HONG-KONG .....	10
4 – SINGAPURA .....	12
5 - CIDADE DO CABO.....	14
6 - BELÉM.....	15
7 - A NAVEGAÇÃO FLUVIAL DO AMAZONAS .....	16
8 - O ALOJAMENTO PARA IMIGRANTES DO AMAZONAS .....	19
9 – OS PRIMEIROS PASSOS NA COLÔNIA .....	23
10 - A BATALHA CONTRA AS FORMIGAS .....	26
11 – O JACARÉ.....	28
12 – A BATALHA CONTRA OS PÁSSAROS .....	31
13 – OS ONZE ANOS NA COLÔNIA.....	33
14 – O ROMPIMENTO DAS RELAÇÕES DIPLOMÁTICAS.....	34
15 – A PRODUÇÃO DA JUTA.....	35
16 – REDEMOINHO .....	38
17 – O BOTO .....	39
18 – TRANSFORMAÇÕES .....	41
19 – RESENHA BIOGRÁFICA .....	43
20 - LOGÍSTICA DE DESLOCAMENTO ENTRE OS LOCAIS POR ONDE MOREI.....	45
21 – RETORNO À TERRA NATAL .....	46
22 - O JAPÃO APÓS MEIO SÉCULO .....	48
23 – A CIDADE ONDE MORO (MANAUS).....	53
SOBRE A AUTORA .....	61





## 1 – A PARTIDA

As asas se estendem sobre milhas ao sul  
Onde a América do Sul os aguarda sob alvas nuvens  
Por sobre as ondas violáceas que devassam o mar imenso,  
Prosseguem os nossos companheiros.

As águas do rio Amazonas fluem a perder de vista,  
Pairam ao longe nuvens sobre o Andes  
As terras, férteis e verdejantes,  
Onde um dia sonhei empunhar a minha enxada.

Oh desbravadores da América do Sul, Filhos da  
Ásia Oriental tende bom sucesso!  
Erguendo o olhar ao horizonte além, jovens sadios,  
o espírito altaneiro!





## 2 – A VIAGEM

O capitão Nishimura do “Santos Maru” era um homem gordo, forte e saudável.

Todas as manhãs percorria as dependências do navio, conduzido pelo comissário-chefe e acompanhando do imediato, do chefe da administração e do navegador. A sua figura era imponente e transmitia confiança.

A vida no alojamento de Kobe e a bordo foi tal como descreve Tatsuzo Ishikawa em seu livro *Somin*, que tive a oportunidade de ler quando regressei mais tarde ao Japão.

Nada mais que dois meses após Tatsuzo, estávamos emigrando ao Brasil, para as selvas sob o equador da Amazônia, onde as condições eram muito mais trágicas que as dos imigrantes de São Paulo.

Deixo a descrição da vida a bordo para falar dos portos por onde passei. A bordo do “Santos Maru”, o nosso roteiro de viagem era: Kobe, Hong-Kong, Saigon, Cingapura, Colombo, Durbin, Cidade do Cabo e Rio de Janeiro (aguardamos aqui a transferência a um outro navio por uma semana, em um alojamento existente na Ilha das Flores).

Fizemos o transbordo para o “Buenos Aires Maru”, seguindo viagem para: Salvador, Recife, Fortaleza, São Luís e Belém (aguardamos novo transbordo em alojamentos de Belém, por seis dias). Depois, por embarcação fluvial: Belém, Santarém e Maués.



### 3 – HONG-KONG

Chegamos a Hong-Kong às 5 horas da manhã do dia 15 de maio.

Do ancoradouro até a cidade eram 5 minutos de balsa. Pagava-se 10 sens para o segundo andar da balsa, destinado aos cavalheiros e damas, e 5 sens para andar inferior destinado a chineses e coolies. Havia uma rígida distinção de classes. O desembarque se iniciava a partir das 9 horas.

Desci do navio junto com meu marido e adquirimos a moeda local, 10 ienes japoneses equivaliam a 10,5 ienes em moeda local. A gravidez me provocava mal-estar, mas não sabia se voltaria a rever esta cidade. Por isso, esforcei-me em segui-lo.

Caminhamos bastante por uma ladeira até um parque. Entretanto, não tinha ânimo para admirar belas flores e observar pássaros e animais exóticos, pois estava cansada e enjoada. Sentei-me em um banco e assim permaneci descansando.

Tomamos um bonde, dividido por classe como a balsa em dois andares e fomos até o bairro japonês. Os *coolies* chineses corriam puxando os seus riquixiás, gritando: “Ei jap, eu vou, eu vou!”. As cabeças e as cinturas estavam cobertas envoltas por um pano branco e sujo, mas eles estavam praticamente nus. Eram muitos, de pele bronzeada.

O bairro chinês, vizinho ao bairro japonês, era mais apertado, sujo e de odor desagradável. As moscas se juntavam cobrindo inteiramente os comestíveis em exposição. Nem dava para distingui-los. Os atendentes das lojas espantavam-nas constantemente com as mãos. Quando um freguês se punha à frente, passavam a afugentá-las ainda mais freneticamente, quase que raspando as iguarias com as mãos. As moscas se espalhavam zunindo ruidosamente para logo voltarem a aglomerar-se.

À beira da rua um grupo de crianças magras comiam com as mãos. Quando nos aproximamos, vieram correndo e nos perseguiram insistentemente. Não nos deixaram até lhe jogarmos algumas moedas.

Os chineses pareciam mendigos, ameaçadores, além de estarem sujos. Causavam certa repulsa. Mal sabíamos que dentro de alguns meses, nós próprios estaríamos vivendo sob trágicas condições, não muito diferentes desses chineses....

As ruas do bairro inglês eram limpas e belas, por onde ingleses e americanos muito bem vestidos caminhavam altivos. Avenidas pavimentadas se estendiam morro acima. Alinhavam-se luxuosas mansões e lojas pertencentes a estrangeiros, pintadas de verde e vermelho. O



mercado chinês, muito movimentado, oferecia imensa variedade de comestíveis. Estava cheio de gente.

Ao regressarmos ao navio, meu marido pôs-se a comer um mingau feito de maisena que comprara. Eu queria comer uns doces, mas ele arrebatou-os das minhas mãos e jogou-os ao mar, dizendo que fariam mal ao meu enjoo e à criança do ventre. Observei o embrulho com os doces desaparecer nas águas, vertendo lágrimas sobre a amurada do navio.

Alguns comerciantes chineses em roupas sujas apareceram no ancoradouro vendendo as suas mercadorias. Eram muito mais baratas que em Kobe, e por isso, todos os imigrantes a bordo correram com as carteiras em mãos para escolhê-las.

Os preços eram menores que na cidade de Hong-Kong. Uma bolsa fina, que em Osaka custaria 40 ienes, estava a 10 ienes e 50 sens. Uma esteira que em Kobe custaria 25 sens, a 10 sens.

Houve até quem comprasse duas cadeiras de vime que valeriam uns 20 ienes, por apenas 3 ienes. Nós compramos dois sacos de açúcar com 600 *momme* (N.do T.: - *momme* unidade de peso japonesa correspondente a 3,75 gramas, aproximadamente) a 40 sens, uma roupa simples por 1 iene e 30 sens e uma bolsa chinesa por 1 iene e 20 sens.

Muitas crianças chinesas vieram nadando até as proximidades do navio, aprontando uma algazarra. Quando lhes atirávamos do navio moedas de 5 e 10 sens, elas mergulhavam como peixes e as apanhavam do fundo do mar. Muitos se divertiam jogando-lhes as moedas.

Ouçõ falar que os chineses uniram esforços para se libertar do jugo estrangeiro e que a China é hoje um país maravilhoso que assombra os visitantes. É inacreditável.



## 4 – SINGAPURA

### 18 de Maio.

Recebi um telegrama a bordo enviado pelo Sr. Ito, de Ikeda, Osaka, durante o trajeto de Hong-Kong a Singapura. “Penso na força dos rochedos que sobrepujam os vagalhões – Ito”

Fiquei feliz. Senti uma imensa saudade, li e reli a mensagem por diversas vezes, abracei-a em meu peito.

### 23 de Maio.

Chegamos a Singapura.

Uma epidemia de tifo estava grassando no local e o desembarque estava proibido. Observamos a cidade do tombadilho. Enormes armazéns se alinhavam à beira mar. Um pouco adiante, distinguia-se uma fileira de casebres de *coolies*. Percebia-se nitidamente que havia gente deitada neles. O oeste avista-se casas elegantes pintadas de vermelho ou verde, parecidas com as do bairro cultural Hikarigaoka, próxima à linha Hankyu. Não se viam os ônibus enormes de dois andares. Inúmeros carros pequenos circulavam em tráfego.

Os franceses caminhavam elegantemente, totalmente vestidos de branco, apenas com o rosto e as ponta dos pés e mãos expostos. À noite, as casas dos nativos permaneciam em trevas, mas o bairro francês achava-se férreo e belo. Também aqui, as crianças nativas mergulham ao mar para buscar moedas que lhes eram atiradas.

Arroz e verduras em quantidade eram trazidos a bordo. Em todos os portos, o navio se abastecia em primeiro lugar de água de consumo, através de enormes dutos. Ouvi dizer que o arroz desta região é transportado em grandes quantidades para o Japão. Falamos de Nagamasa Yamada (N do T :- Nagamasa Yamada um dos primeiros japoneses a sair do Japão para viver no exterior, no Sião onde chegou a ocupar o trono de rei) “Que bom seria se existisse uma colônia japonesa aqui” – lamentamos todos.

À noite, sobreveio um temporal com trovoadas e chuvas intensas. Faíscas atingiam as proximidades do navio e das casas situadas sobre morros. Saltavam fagulhas.

### 23 de Maio.

Uma menina de dois anos do camarote vizinho faleceu de sarampo. Todos contribuíram com 10 sens em condolência. Disseram que uma senhora idosa estava prestes a falecer também. Ao que parecia, existiam 30 casos de sarampo, e cerca de dois terços do contingente a bordo, de



mais de 700 pessoas, haviam contraído tracoma.

Para afastar o tédio, as mulheres se dedicavam a costura. Tentei também desfazer os meus quimonos e costurar vestidos para mim e para o bebê, mas as frieiras produzidas pelo suor produziam muitas coceiras. O suor chegava até a escorrer e o trabalho não rendia.

O banho era permitido uma vez a cada três dias. A lavagem das roupas devia ser feita durante o período de fornecimento de água, de duas horas pela manhã, disputado por todos. Mas nem esse fornecimento era diário. Assim, todos se deixavam ficar deitados, exalando um cheiro ácido do corpo.



## 5 - CIDADE DO CABO

Partindo de Durbin para a Cidade do Cabo, o mar tornou se fortemente revoltoso. As águas invadiam o tombadilho e o navio adernava rangendo. Para ir ao sanitário, caminhava-se amparado às paredes e era uma dificuldade usá-la. Ninguém conseguia comer. Permanecemos deitados, vomitando líquido bilioso amarelado.

Nas proximidades da Cidade do Cabo, uma densa névoa não permitia enxergar um palmo adiante. O navio reduzia a velocidade, fazendo soar seu apito enquanto navegava. Os tripulantes haviam trabalhado a noite toda e estavam com os olhos injetados. Entramos enfim no porto da Cidade do Cabo. As águas estavam calmas e tranquilas, sem uma onda sequer. O horizonte estava envolto pela névoa. O clima semelhante ao final de outono no Japão, despertou-me intensas saudades da minha terra.

Estávamos do outro lado do mundo. Os ventos do sul vinham carregados de frio. Às 8 horas da manhã do dia 18 de Junho, desembarquei com meu marido e fui passear pela cidade. Pisava em terra firme após longo período. Senti um alívio. Além da avenida, erguia-se imponente o *Table Mountain*. Enquanto caminhávamos para as compras, até crianças, quando nos viam chamava-nos com desprezo de *japs*. Aqui e ali, em lojas e teatros, se viam em cartazes impedindo a entrada de japoneses. Um homem branco enorme caminhava com arrogância. Os japoneses andavam curvados, caminhando apressadamente com suas pernas curtas como se estivessem atarefados.

Enquanto perambulava por essa cidade estrangeira, o meu pensamento voava para lá, “lá na terra, deve ser agora a época da plantação!” fazendo-me afluir lágrimas nos olhos.

Tivemos seis funerais marítimos a bordo do “Santos Maru”, até chegarmos a Rio de Janeiro. Havia sido uma viagem longa e sofrida. No Rio de Janeiro, despedimo-nos do “Santos Maru” e das 500 pessoas que se destinavam a São Paulo. O nosso grupo de 200 pessoas para a Amazônia foi encaminhado a um alojamento situado na Ilha das Flores (segundo diziam, um antigo presídio) fora da capital, onde esperamos o novo navio, o “Buenos Aires Maru” por seis dias, para o qual nos transferimos.

Conseguíamos assim chegar finalmente a Belém, na foz do rio Amazonas.

Era 10 de julho de 1930. 58 dias após a nossa partida de Kobe.



## 6 - BELÉM

Na alfândega de Belém, dei de presente ao inspetor uma esteira e um leque, e passamos pela inspeção de nossa bagagem sem problemas. Ficaríamos os 8 dias de espera do novo embarque em um alojamento próximo ao cais.

Belém é a capital do Estado do Pará. O tráfego de navios estrangeiros é muito intenso, e a cidade pareceu-me muito maior que Matsue. Passamos os dias aqui visitando a cidade e efetuando compras de artigos de necessidades para a vida na colônia.

Compramos remédios contra malária como quinina e bardana, assim como seringas, além de outros remédios, adquirimos máquina de costura, utensílios de cozinha, alimentos de longa duração como os secos e enlatados. A Companhia nos adquiriu coletivamente redes de dormir, enxadas, foices, facões, serrotes e machados. Esses produtos, e a viagem de navio fluvial foram pagos dos 500 ienes depositados à Companhia. Efetuado o balanço dos pagamentos, o saldo nos foi devolvido no alojamento de Maués.

Enquanto permanecíamos em Belém, recebemos a visita do presidente Fukuhara da Companhia *Nambei Takushoku* (Companhia de Colonização da América do Sul), e do Mitsuyo Maeda, que vieram para a cidade em expedição de judô. Recebemos deles palavras de incentivos, conforto e cuidados a serem seguidos na colônia.



## 7 - A NAVEGAÇÃO FLUVIAL DO AMAZONAS

Em Belém, separamo-nos dos imigrantes de Acará e Tomé Açú. Sobrou o nosso grupo de apenas sessenta e poucas pessoas destinadas ao Amazonas. Daqui, deveríamos subir o rio Amazonas até Maués, situada a dois dias de viagem a montante de Manaus, em uma embarcação da Amazon Bus Companhia fretada pela *Amazon Kyogyo Kabushiki Gaisha* (Companhia de Desenvolvimento de Produção da Amazônia). Era uma longa viagem de aproximadamente 3.000 milhas

Às 9 horas da manhã, o pessoal abandonou o alojamento, cada qual carregando os seus pertences e se reuniu à beira desse rio imenso. Era incrível que fosse rio, parecia mar.

Em julho. Olhávamos ao redor, procurando saber qual seria o navio, quando nos informam que se tratava da embarcação fluvial minúscula e suja bem abaixo da nossa vista. Vozes se levantaram, manifestando insegurança e tristeza. Tínhamos viajado até aqui por 60 dias cruzando os mares em grandes navios.

A perspectiva de ter que prosseguir por mais seis dias nesse barco fluvial de 500 toneladas ou menos, movido a lenha, nos deixava aflitos e inconformados.

Após o embarque, era um susto após outro. Nativos, brancos e até porcos eram nossos companheiros de viagem. Ao lado da lenha amontoada, um boi dependurado sem pele, pingando sangue. Passando por ele, quase raspando, uma escada íngreme. Subindo a mesma, uma mesa enorme e além dela, uma ala de pequenas cabinas pouco mais de dez, cada uma para quatro pessoas, com beliches de dois andares, dispostas fundo a fundo.

Deixara a bagagem na cabina e me dispunha a lavar as mãos sujas ao segurarem o corrimão da escada, enegrecido pelo uso e besuntado de graxa. Ao torcer o registro, a água saía amarela. Estava hesitante em levar as mãos nessa água quando chegou um tripulante que me atirou palavras incompreensíveis como se estivesse me repreendendo e fechou a torneira. Sem mesmo lavar as mãos entrei na cabina e estiquei-me na cama reservada às mulheres.

Os homens estendiam as suas redes de dormir, adquiridas em Belém, diante das cabinas ou ao redor da mesa, para descansar.

Ao sinal de almoço dado por um sino, todos se reuniram ao redor da mesa já cercada das redes dos homens. Então, dois serventes começaram a transportar de baixo a refeição ajeitada em bandejas enormes. Iam e vinham diversas vezes, trazendo duas bandejas em ambas as mãos a cada vez. A comando do chefe, arrumaram pratos e talheres. Sobre esses pratos e a





carne que serviam, deixavam cair gotas de suor.

Com a toalha que traziam ao ombro, enxugavam o suor do rosto e com a mesma toalha, secavam as facas, garfos e colheres que iam distribuindo sobre a mesa. Bife e macarrão eram servidos aos montes, mas causavam-me repulsa e assim, deixei de provar sequer uma porção. Pedi um pouco de água após a refeição. Trouxeram-me um copo de água turva, retirada de um garrafão. Tinha um odor desagradável. Ingeri um gole e joguei fora o restante.

Voltei para a cabina para dormir. Era estreita, abafada e cheirava mal. A frieira que se formara embaixo da faixa que usava sobre o ventre me irritava. Lavei-a, troquei-a por uma nova, mas em pouco tempo se encharcava de suor a ponto de molhar a roupa externa.

Ao cair da tarde, enxames de mosquitos nos atacavam em nuvens negras das macegas à margem do rio. Entretanto, com o transcorrer dos dias, acabava acostumando-me com a sujeira e era até possível comer os bifés normalmente.

Com um dicionário nas mãos, comecei a aprender o português palavra por palavra com o chefe da administração, um homem branco. Não havia instalações de lazer como nos grandes navios. Não se tinha nada a fazer, a não ser escrever cartas ou conversar. Todos se distraíam contemplando as margens. As embarcações seguem próximas a elas fugindo da correnteza quando sobrem o rio e navegam pelo meio, aproveitando-a na descida.

A vegetação marginal era verdejante e bela como um quadro, papagaios e outros pássaros desconhecidos esvoaçavam ali e, bandos de macacos brincavam. Borboletas enormes do tamanho de um morcego, com asas verdes e amarelas adornadas por pintas escuras e, aranhas de cores violeta e vermelha com pintas brancas surgiam repentinamente assustadas pelo barulho das hélices, para logo se esconderem entre a vegetação. Dos cipós enrolados ao tronco de gigantescas árvores, brotavam flores vermelhas do tamanho de uma peônia. De repente, a floresta primitiva se abria dando lugar a extensas planícies. Surgiam plantações de bananas e, viam-se à distância manadas de gado. Mas o que mais atraía as atenções eram os jacarés.

A princípio, pensávamos que fossem troncos de árvore flutuando no rio. Percebemos que se tratava de jacarés porque desapareciam sob as águas com a aproximação do navio. Eram muitos, flutuando nas margens do rio, longe da habitação humana.

O navio singrava uma hora e parava; andava a metade de um dia e ancorava. A cada parada, barganhavam-se mercadoria: farinha, roupa, carne seca, torradas, sal e açúcar eram trocados por lenha, gado bovino e suíno. O gado, negociado após a chegada do navio, era



apanhado no pasto e trazido em pé a bordo. Era abatido a noite, enquanto todos dormiam. A sua carne comparecia no dia seguinte as refeições enriquecendo a mesa em bifés suculentos.

Provávamos as fartas refeições em estilo ocidental pela primeira vez na vida. Ao despertar, um café forte. Às sete horas, o capitão e os oficiais mais graduados sentavam-se a mesa juntamente com os passageiros da primeira classe, quando eram servidos café, chá preto, chocolate, pão e manteiga, carne enlatada, aveia e frutas. Às dez horas, pão e café. Ao meio-dia, o almoço era servido com fartura. Arroz de cor avermelhada refogada a azeite, macarrão refogado e ensopado de carne com osso e feijão, bife, salada de vegetais, embutidos, frutas e café. Às três horas, novamente pão e café. O jantar era servido às 6 horas e repetia praticamente o almoço. À noite, após 9 horas, café.

O navio havia sido arrendado por nós, éramos a primeira classe e as refeições eram bem servidas. A segunda e a terceira classe ficavam embaixo. Os passageiros dormiam entre o gado, a lenha e a carga e as refeições eram sobras das que nos serviam.

O ataque dos mosquitos após o entardecer era, contudo, consternador. Brotavam em nuvens escuras dos matagais das margens e atacavam ruidosamente. Para se defender desses ataques, o recurso era trancar-se nas cabinas, que se tornavam abafadas fazendo-nos suar. Os mosquitos entravam pelas frestas e se grudavam nos nossos braços e pescoço. Batia-se neles para esmagá-los e o sangue se aderiam a pele. Os homens, que não podiam dormir nas cabinas, tentavam espantar o bando negro de mosquitos com as toalhas dentro das redes de dormir, mas eles não se limitavam a atacar a pele, como invadiam até os olhos, ouvidos e a boca. Ninguém conseguia dormir. Com o aprofundar da noite, os mosquitos iam desaparecendo. Aí, caíam exaustos de sono.

Essa viagem prosseguiu por seis dias. Às 2 horas da manhã do sétimo dia, chegávamos ao cais da Companhia em Maués.

Era 23 de julho de 1930.

## 8 - O ALOJAMENTO PARA IMIGRANTES DO AMAZONAS

Acordamos todos assustados com o espocar de fogos de artifício. Alguém gritava: “Chegamos! Chegamos! Acordem todos!”. Levantei-me esfregando os olhos e saí para o convés. Lá fora, a escuridão se fazia completa e não se via nada. Troquei a roupa que vestira apressada novamente por pijama e tentei retornar o sono. Entretanto, recordações desde Kobe e preocupações com o futuro não me deixavam dormir e assim recebi a madrugada.

Às 6 horas, tomamos um café forte de pé. Despedimo-nos fazendo uso de todo português que havíamos aprendido a bordo: felicidades, saúde etc., e desembarcamos.

Atravessei temerosa uma ponte estreita, feita de uma única prancha de madeira segurando as mãos do meu marido e pisei pela primeira vez a terra de Maués. Estávamos no 72º dia da partida de Kobe em 14 de Maio. Havia assentado os meus pés no continente onde o sofrimento me esperava. Aspirei a pleno pulmão o odor da terra.


O escritório da Companhia se localizava bem próximo ao cais. Era uma construção de madeira de dois andares. O segundo andar destinava-se à residência do presidente e demais funcionários e o térreo o escritório e a loja.

Feita a distribuição dos quartos do alojamento por sorteio, para lá fomos, todos com os seus pertences. As vinte e poucas famílias com mulheres e filhos deveriam passar ali dois ou três meses até o ingresso na colônia.

Com a repentina chegada do contingente de imigrantes, as verduras da loja eram imediatamente vendidas e se esgotavam. Os habitantes desta região costumam comer muitas frutas, mas produzem poucas verduras que não nos vendem. Ouvimos então falar do senhor Ito, um japonês produtor de verduras de outro lado do rio e resolvemos ir até lá para comprá-las.

Disseram-nos que durante o dia, as ondas eram altas e perigosas. Assim, partimos logo após o desjejum com meu marido em uma canoa feita de tronco de árvore escavado. Utilizando um remo parecido com uma pá enorme, remávamos com todas as forças. Mas a canoa parecia caçoar de remadores principiantes como nós, virava de um lado e outro e não avançava. Ao atingirmos finalmente a margem oposta, estávamos bem rio abaixo. Subimos o rio beirando a margem ensopados de suor e quando chegamos à residência do Sr. Ito, já se fazia mais de 10 horas da manhã.

Compramos 7 abóboras, 4 quilos de batatas e 4 cachos de banana. Não havia vegetais e assim não pudemos comprá-los. Esperamos que as ondas se amainassem comendo bananas e



partindo após as 3 horas da tarde. Enfim, conseguimos regressar às 5 horas.

Dizem que os habitantes locais, hábeis na canoa, conseguem atravessar o rio em uma hora. Para nós, foi uma terrível experiência. Desde então passamos a efetuar as compras deste lado, mesmo a preços mais salgados.

O sanitário ficava a cerca de 30 metros de distância. Para necessidades à noite, ia às escondidas para trás do barracão vigiada pelo meu marido. A Companhia nos havia precavido que alguns nativos vagueavam por ali para importunar as senhoras, aconselhando-nos a tomar cuidados.

Havia uma discrepância muito grande entre as condições dos imigrantes no Brasil, conforme nos foram relatadas no Japão e no navio e as que constatamos. Furiosos com isso, alguns invadiam a Companhia para protestar aos gritos, outros pediam providências entre lamurias, ou procuravam devolução do dinheiro em depósito na Companhia e desapareciam, ou buscavam conhecidos em outras localidades, ou retornavam ao Japão, ou embriagavam-se e agrediam funcionários da Companhia e assim por diante

Era uma confusão generalizada, não havia tranquilidade. Passavam-se os dias e ninguém se dispunha a ir até o sítio da colonização. O administrador havia fugido e não adiantava falar com os seis ou sete funcionários jovens que ficaram, pois não se chegava a nada. As incertezas cresciam ainda mais com a fuga do médico residente, que abandonara o posto por falta de pagamento do seu salário. As reservas de capital se minguavam dia a dia.

Conformados afinal, alguns imigrantes começaram a ingressar no sítio da colonização e iniciar a derrubada da floresta. O sítio estava em uma região de matavirgem a seis horas de viagem da Companhia por canoa, a montante do rio. Deveríamos cultivar a área de 25 *chobu* (N. do T.: - *chobu* – medida agrária japonesa correspondente a aproximadamente a 10.000 m<sup>2</sup>) que cada uma das famílias havia adquirido. Duas delas haviam comprado 50 *chobu*, mas desistiram após a primeira inspeção do terreno. Pediram remessa de dinheiro do Japão e se mudaram para as proximidades da cidade.

Fui também tomada por um sentimento de desespero enorme, inexprimível por palavras e por uma pungente saudade da minha terra. Supliquei ao meu marido: “Prefiro morrer a viver em um lugar como este. Se você não vai voltar, deixe-me ir, pelo menos!”.

Mas ele me respondia: “Não diga bobagem. Se era para mandá-la de volta, nem a teria trazido comigo”. Se chorasse em sua presença, ele ficava enfurecido. Por isso, eu saía e ficava



chorando sozinha por longo tempo, olhando a lua.

Transcorrida uma semana, meu marido e o nosso companheiro de alojamento compraram juntos uma canoa e entravam no sítio para iniciar a derrubada da mata virgem.

Por volta de um mês após a chegada, os solteiros e os casais sem filhos pequenos começaram a deixar o alojamento um após outro para se estabelecerem no sítio tão cedo quanto podiam, pois temiam que o dinheiro que trouxeram se esgotasse.

Não me era possível imitá-los porque o dia do parto, previsto para 27 de setembro se avizinhava. Por efeito da gravidez as minhas pernas inchavam e nem sandálias conseguia calçar. Não havia ninguém a quem recorrer, muito menos médicos. Estava a ponto de enlouquecer, tamanha era minha aflição.

Quatro dias antes do parto, começaram os corrimentos. Enfrentava o primeiro parto aos dezoito anos de idade e nem sabia o que fazer. Não restava recurso a não ser aguardar ansiosamente pelo retorno do meu marido.

Por fim, ele voltou. Foi para cidade comprar algodão, papel oleado, álcool e mantimentos e aguardamos o momento do parto. A partir da noite precedente, a região do baixo ventre começara a se inchar e vieram as dores periódicas.

Em 27 de setembro, em meio a um intenso sofrimento em que senti o meu corpo se despedaçar, nasceu um menino. O sol da manhã se levantava, banhando o quarto com suave luminosidade. Estava esgotada após mais de cinco horas de rude esforço. Queria dormir, mas todo o meu corpo doía. Após isso, tive nove filhos, em intervalos de 2 a 3 anos. Em todas às vezes, meu marido teve de cumprir o papel de parteira (obstetra).

Quatro dias após o nascimento, a criança foi acometida por febre e passou a recusar a amamentação. A febre fazia o seu corpo pequenino tremer. Ele chorava continuamente dia e noite. Não havia remédios para crianças. Assim, eu ingeria antipiréticos para uso adulto, esperando que a criança os absorvesse pelo leite. Coberta de suor introduzia freneticamente o bico do meu seio entre os seus lábios. Embebia em algodão o meu leite para pingá-lo em sua boca, quando cansado de chorar, ele não conseguia sugá-lo. E eu chorava com ele.

Doze dias após o parto, chegava a comitiva do Sr. Uezuka, deputado japonês e presidente da Companhia. Vinham para uma inspeção em um barco a motor trazendo uma bandeira japonesa. Levei a criança até o barco para ser examinada pelo médico, Dr. Sassada, que viera acompanhando a comitiva desde São Paulo. Deu-nos o diagnóstico: malária.



Malária, em um corpinho tão pequeno! Fui possuída por uma pena imensa.

A malária nos causaria ainda muitos sofrimentos na família.



## 9 – OS PRIMEIROS PASSOS NA COLÔNIA

Em 17 de novembro de 1930, alugamos um barco da Companhia utilizado para transportar mercadorias e resolvemos nos instalar no sítio da colônia. Pusemos nele pranchas de madeira da cama, pote de água, querosene, condimentos, arroz, cobertor, roupas, utensílios de cozinha. Dois homens, naturais da região, remavam a embarcação com bote que adquirimos atrelado à popa e o meu marido assumia o leme. Assim subimos o afluente do Amazonas.

Estava sentada entre a carga, carregando o bebê de cinquenta dias em uma das mãos. Com a outra, segurava um guarda-chuva para evitar a incidência diretos raios de sol. Após seis horas e meia nessa situação chegamos afinal ao nosso destino. Quis levantar-me para alcançar a margem, mas estava entorpecida e não conseguia. A custo, coloquei a criança as costas e segui meu marido carregando panelas e fraldas por entre a floresta alagada (região inundada durante o período das chuvas e de terra firme na seca), até atingir a terra. Caminhamos cerca de 150 metros. Comecei a enxergar árvores queimadas e repentinamente, a paisagem se abriu. Havíamos chegado a uma clareira de terra queimada onde havia apenas uma cabana, sem nada além de uma cobertura de palha.

Avançávamos contornando enorme troncos de árvores derrubadas e queimadas e saltando por sobre os galhos. Olhava ao derredor, mas, nada havia que se parecesse com uma habitação humana.

- “Onde está a casa: Preciso descansar o bebê” – perguntei, tentando consolar a criança que chorava fortemente, com a pele em carne viva no rosto e nas mãos pela ação da forte insolação e do vento do rio, não obstante a proteção do guarda-chuva. Ele mostrou por momentos uma expressão de vergonha e perturbação, mas respondeu-me logo com a maior naturalidade:

“É essa a nossa casa”.

Algo quente subia ao meu peito e me invadia por completo. Desespero, tristeza e revolta me agrediam em pancadas e me atordoavam. Permaneci estática, estarecida. Uma onda avassaladora de fortes emoções me assaltava: “Eu vou me matar! Mas e a criança?... Deixá-la, é uma pena. Vou levá-la comigo”.

Meu marido já não se importava comigo. Foi ao barco em companhia dos naturais para transportar a bagagem. A criança às minhas costas sofria com as queimaduras e continuava a chorar intensamente.

Aos poucos o sol se punha.



Não se podia ficar parada. Em prantos, retirei do saco a rede de dormir e as cordas, estendi-a de pilar a pilar, deitando-se nele a criança. Não dei atenção ao seu choro, juntei lenha, desfiz a bagagem, retirei os utensílios de cozinha. Aqueci água, fiz café para os naturais e pedi-lhes ao despedi-los que devolvessem o barco à Companhia.

A noite da floresta se aproximava. Devíamos nos apressar, se não quiséssemos passar a noite em uma cabana sem paredes nem porta, isolada no meio da mata. Meu marido estendia as pranchas de madeira no chão e desfazia a bagagem, retirava as facas, arrumando-as. Eu já buscava água de onde havíamos desembarcado e preparava o jantar. Terminamos a refeição de batatas secas e peixe salgado, arrumamos as bagagens e preparamos onde dormir.

Com o cair da tarde, assaltou-nos um enxame de mosquitos. Protegemos o bebê com a única rede de filó disponível. Nem dormimos, alimentando a fogueira acesa para espantar animais selvagens. Ora perto, ora longe, ouvia gritos estrídulos de aves estranhas, rugidos de animais. Tremia de medo. Aflita e insegura, aguardava apenas que a madrugada voltasse.

De manhã, fui ao rio lavar roupas. Trazendo-as de volta, não havia como estendê-las. A floresta queimada deixara um pó negro por toda parte. Retirei uma corda do baú e, estendi-a entre pilares. As roupas lavadas lá ficaram penduradas, balançando ao vento.

Com folhas de palmeira, construímos paredes. Juntamos pranchas de madeira verde (não seca) para servir de assoalho, improvisamos portas e janelas também com folhas de palmeira. Até concluirmos, levamos três dias de noites maldormidas. Nuvens de mosquitos nos assaltavam do entardecer à madrugada; à noite, morcegos vampiros nos sugavam o sangue; durante o dia, moscas, borrachudos e pernilongos nos incomodavam, formigas atacavam a casa e os comestíveis dia e noite.

Certa noite fui despertada dos meus sonhos pelos latidos de um cachorro. Analisando a escuridão, percebi uma cobra da grossura do braço de um homem subindo pela parede rumo ao teto. O sangue gelou-me nas veias, nem pude gritar. A custo, apertei tremendo o braço do meu marido que dormia ao meu lado, temerosa que ele gritasse.

Ele abriu os olhos, mas permaneceu imóvel, vendo a cobra de mais de dois metros e meio rastejando bem perto do seu corpo, ao alcance da sua mão. Ficamos os dois quietos a observá-la, rezando apenas para que se fosse. Transcorreu um tempo interminável até que ela se escorregasse pelas fendas do teto e o seu rapo desaparecesse. Segurava fortemente a mão dele molhado de suor.





As galinhas que compramos dos naturais da região eram constantemente levadas por cobras, porco espinho e lagartos. Matávamos esses animais ao vê-las, mas vinham uns após outros quebrando o galinheiro ou cavando buracos na terra para levar ovos e galinhas.

Os morcegos vampiros se introduziam sem fazer ruídos por frestas das paredes e telhados, grudavam-se à pele nas partes próximas à rede de filó enquanto dormíamos. Eles não provocam dor ou coceira, da mesma forma que sanguessugas. Assim, sugam o sangue tanto quanto podem. O sangue escorre do ferimento aberto pelos morcegos, sujando os lençóis. Deixam cicatrizes que produzem irritações por muito tempo. Três deles estavam certa vez sugando o sangue da minha criança magérrima. O sangue ferveu de tanta raiva que sentimos a vê-las. Fogem no menor movimento, sorradeira e velozmente como um ser mágico. Eles não se aproximam se deixarmos uma lamparina acesa, o que é impossível pelo desperdício de combustível. Após ter o sangue sugado por noites seguidas, começamos a sentir tontura devido à desnutrição e anemia. Os porcos, muito preciosos, eram levados até por onças.



## 10 - A BATALHA CONTRA AS FORMIGAS

Resolvido o problema da moradia, tínhamos que nos preocupar com a alimentação. Para garanti-la o quanto antes, revolvíamos a terra com a enxada plantando cinco sementes de arroz de cada vez. Dávamos mais um passo, outra enxadada, mais cinco sementes. Repetimos essa operação por diversas vezes e plantamos em uma área de dois *chobu*.

Parece bastante, mas a área após a queimada estava coberta de enormes troncos caídos. A área livre ficava assim reduzida para menos da metade. Nas proximidades desses troncos, juntávamos pequenas árvores e galhos para queimá-los e produzir cinza, onde espalhamos sementes de batata, banana, abacaxi, feijão verde e melancia.

Mesmo antes que brotassem, as ervas daninhas começavam a crescer. Eu deixava a criança que já engatinhava amarrada com uma cinta no pilar da casa, como um bezerro, enquanto semeava e extraía as ervas daninhas todos os dias. Meu marido cortava os troncos queimados em pequenos pedaços, queimando-os novamente. Assim conseguimos alargar a área da plantação.

Certa tarde, ao retornarmos, encontramos a criança chorando desesperadamente com o rosto e o corpo todo coberto de fezes. Formigas percorriam a sua pele e estavam mordendo-a até as proximidades dos olhos e da boca. Ela havia mexido em fezes e, com a mão suja, coçado as frieiras produzidas pelo suor. Carreguei-a de lado até o rio e lavei inteiramente o seu corpo. Limpei todo o assoalho na área de movimentação da criança ao alcance da cinta. Nessa noite, meu marido acordou aos gritos, irritado. “Não consigo dormir, as formigas estão me mordendo! É culpa sua, você não limpou bem as fezes da criança. Saia daqui!”

Carreguei a criança que despertara chorando e deixei a cabana. Era uma noite de lua cheia. “Se é para olhar a lua, posso fazê-la no Japão. Como estarão papai e mamãe, meus irmãos e irmãs agora? Quero voltar. Se não fosse esta criança, até poderia morrer...” Lágrimas escorriam sem parar pela minha face. Aquela noite sentada em um tronco de árvore queimado pensei na morte. Entretanto, sem coragem para matar-me passei a noite em prantos. Mais conformada, voltava para a casa. À claridade da manhã, levantei o colchão e vi uma fila de formigas andando pelas frestas do assoalho. As formigas tinham sido atraídas pelo resto das fezes que ficaram entre as frestas.

No Japão, sempre pensei que as formigas so andassem de dia. Mas aqui, elas me pareceram mais ativas a noite, embora fossem vistas de dia também. As formigas têm um corpo preto e medem cerca de cinco milímetros. Aproveitam-se das mínimas frestas para juntar-se



sobre alimentos, andam pela roupa e pele de criança, lamber, picar e morder onde existiam resquícios de leite, pus, remelas, alimentos ou fezes. Abrem até buracos nas roupas. Atacaram a lata de açúcar reduzindo seis centímetros do seu nível. Por mais que se matasse, brotavam de dentro da lata. Furiosa, acabei até gritando com a criança.

A saúva tem uma coloração amarronzada e mede dois a três centímetros. Por ser maior, produz também danos maiores. Constrói ninhos subterrâneos que chegam se espalhar por oito *joh* (N.T.: *joh*: medida de área japonesa correspondente a de um tatame – ou seja, de 0,9 x 1,75m<sup>2</sup>). As saúvas fazem filas de 8 a 10 cm de largura e transportam brotos, folhas e comestíveis para o ninho dia e noite. Uma vez iniciado o ataque, acabam destruindo extensas hortas em poucos dias.

Costuma se inspecionar as hortas e suas redondezas para descobrir o seu ninho. Eles têm a forma de um montículo de terra de cerca de um metro de altura. Fumiga-se o ninho com cianeto de potássio ou arsênico. No dia seguinte, já se mudaram para outro local. Abriam outro buraco de onde estão entrando e saindo.

Costuma se também cavar um buraco fundo bem por cima do ninho para descobrir a câmara da saúva rainha e queimar o ninho. Mas elas procuram refugiarse cada vez mais ao fundo da terra e é difícil exterminá-las por completo.

De qualquer forma, tão logo a semeadura seja concluída, é necessário vigiar todos os dias. Uma vez descoberto o ninho das saúvas é preciso queimá-lo ou fumigá-lo com substâncias tóxicas. Não existem tréguas na batalha contra as formigas e saúvas.



## 11 – O JACARÉ

(Relato de Kiyochi Iwata)

Havia amarrado o meu lanche no galho de uma árvore e afiado o meu facão junto às águas de um riacho.

“Ao trabalho agora!”.

Foi então que em uma macega alguns metros adiante deparei com um amontoado de objetos de cor branca. Na obscuridade formada pela macega, a alvura se destacava de forma estranha. Aproximei-me para verificar de que se tratava. Eram ovos.

Cerca de uma centena de ovos brancos, quase o dobro do tamanho dos das galinhas, estavam amontoados formando um montículo elevado. Tentei apanhar um deles por curiosidade, quando de repente, ouvi um forte ruído sibilante. E vi que um enorme jacaré de quase dois metros me atacava. Fugi espavorido. Circulei ao redor de árvores, saltei por cima de troncos, fiz de tudo para escapar-me, mas ele não desistia.

A custo, consegui subir em uma árvore. O bicho começou então a chicotear o tronco com a cauda grossa e pulava tentando me alcançar. Na tentativa de espantá-lo, cortei os galhos da árvore com o meu facão e os transformei em farpas e procurei atingi-lo nos olhos. Eles brilhavam esverdeados e me fitavam. No instante que a farpas caíam sobre eles, o jacaré torcia a cabeça. As farpas apenas escorregavam em sua couraça rígida e caíam. Após algumas dezenas de tentativas, um deles atingiu-lhe o olho brilhante. O animal enfureceu-se e fustigava o tronco da árvore com a sua cauda, A árvore balançava por inteiro e me sacudia. “Deu certo, mais um pouco!”. Senti crescer a coragem e recomecei a lançar as farpas. O jacaré desviava a cabeça e voltava ao ataque. A farpa fincada em seu olho acabou caindo. O sangue jorrava, mas o animal so se enfurecia e não fugia. Até que uma outra farpa lhe espetou o outro olho. Não conseguia mais enxergar e enfraqueceu-se. Cortei então o cipó que estava enrolado na árvore e fiz um laço, com o qual procurei pegá-lo pelo pescoço. Ele jogava a cabeça desviando-se da armadilha. Quando a custo conseguia pegá-lo, ele cortava o cipó com facilidade. Tentei de novo, desta vez trançando dois cipós. Mesmo assim, cortou o laço em um instante. Por fim, escolhi cipós da grossura de um lápis e trançei sete deles para formar uma corda. Fiz um laço com o qual consegui envolver o jacaré pelo pescoço. Ele agitava a cabeça e o laço ia se apertando cada vez mais. Enlouquecido começou a revolver-se. O laço se fechava ainda mais. Os seus movimentos passaram a ser lentos.



Senti um grande alívio. De repente, o cansaço sobreveio e nem conseguia me mexer. Pulei da árvore e descansei na relva por alguns momentos. Todo corpo me doía. Entretanto, reuni forças e corri para o posto policial de canoa. Voltei ao local com dois policiais armados de fuzil. O jacaré estava inerte. Um policial disparou entre os olhos do animal para liquidá-lo.

Arrastamo-lo nós três por uma distância de 200 metros até a canoa, pusemos o animal nela e depois o arrastamos de novo até a minha casa. A luta contra o jacaré me esgotara e nem tive vontade de comer. Só pude sentar-me. Os policiais me elogiaram: “Nem sei como pôde sair com vida! Perseguido por um jacaré desse tamanho. E ainda conseguiu prendê-lo em armadilha!”.

Isso se passou por volta de 1936. Posteriormente, esse acontecimento se tornou muito conhecido. A notícia chegou até o consulado de Belém e foi divulgado juntamente com a minha fotografia, na revista Shonen Nippon (N. do T.: - revista japonesa destinada aos adolescentes), como “A realidade dos imigrantes no interior da Amazônia”.

Encontramos 83 ovos do jacaré. A gema tinha uma coloração clara. Quanto ao sabor, dava uma impressão de que se comia um ovo sem gema. Não era gostoso e acabamos jogando-os fora, sem comer quase nada. A carne do jacaré é branca, sem gordura e insípida, entretanto, como era uma fonte de proteínas, a salgamos e secamos, mas acabamos por jogar fora a maior parte dela.

O laço! Feito de cipó, foi até fotografado pela polícia e eu o conservei preciosamente como lembrança da caçada. Entretanto, larguei-o também durante as inúmeras mudanças de residência por que passei.

A fêmea do jacaré sobe à terra e põe quase cem ovos de uma vez e volta depois para o rio. O macho permanece vigiando os ovos nas proximidades até que os filhotes nasçam. Afasta se deles apenas para procurar alimentos e é nessa hora que eles podem ser colhidos. Eu não sabia até então que os jacarés punham ovos em terra firme e nem que eram capazes de se locomover em terra tão bem quanto na água.

Durante o dia, o jacaré permanece flutuando junto a margem do rio, imóvel como se fora um tronco de árvore, mas é só se aproximar descuidado que ele ataca furiosamente para abocanhar. Então, não larga a presa jamais. Revolve o seu corpo rapidamente girando como uma roda, torce a presa e arranca-lhe um pedaço. Depois, submerge nas águas para se esconder.

Perdi assim dois ou três porcos que criava soltos. Porcos que perderam uma perna



enfraquecem, e não existe alternativa senão sacrificá-los e comê-los. O consolo é que os jacarés não os arrastam por inteiro para dentro da água.

Os olhos dos jacarés brilham avermelhados durante a noite. É assustador vê-los como se fossem luzes acesas flutuando na água aos pares. Os caçadores de jacarés apontam a espingarda nesses olhos vermelhos e brilhantes para atirar.



## 12 – A BATALHA CONTRA OS PÁSSAROS

Diversos pássaros circulam ao alto sobre a minha cabeça e mergulham para atacar o meu peito e o das crianças. Quero espantá-los, mas a voz não sai. Quero fugir, mas o corpo não se move. Acordo de repente. Fora um sonho. Estou molhada de suor, a garganta está seca.

Na época da colheita do arroz, tantos pássaros circulavam sobre a plantação que nem o céu se podia enxergar. Eles estragavam a produção. Antes que os pássaros chegassem, meu marido costumava ir à plantação levando as duas crianças de 6 e 8 anos, obrigando-os a ajudá-lo na afugentação das aves. Cada criança percorria um dos lados da plantação e ele os outros dois lados. Iam e vinham batendo em lata de querosene e gritando. Era “choo!”, pam-pam-pam o dia todo. Gritavam a pleno pulmão para espantar as aves que tentavam descer. Era impossível juntar a família às refeições, quer de manhã, quer no almoço. Eles precisam comer *onigirimeshi* (N.T.: - bolinhos feitos, de arroz) em cima de “tocos de árvores queimadas, escolhendo os mais altos, de onde continuavam espantando os pássaros”.

A qualquer trégua nesse esforço comovente de pai e filhos, os pássaros pousados nas árvores ao derredor à espreita de oportunidades, já alçavam voo circulando sobre a plantação. Bastava um deles mergulhar para que todo o bando o seguisse. Em poucos instantes, as espigas da área atacada eram quebradas. Espigas não maduras esbranquiçavam e murchavam. Não adiantava soar a lata à distância. Os pássaros apenas espiavam e continuavam saltitando. Escondiam-se entre as espigas ou pulavam para baixo de troncos caídos de onde espreitavam, parecendo caçar. Bicavam e puxavam as espigas estragando-as enquanto pulavam de um lado para outro.

Bando de pássaros negros parecidos com pardal, uma vez no chão, dentro da horta, custavam fugir. Um após outro, os companheiros vinham descendo. Para impedi-los, era “choo!”, pam-pam-pam sem parar desde a madrugada até o entardecer. Após vinte dias a um mês nessa batalha, conseguia-se colher da plantação de dois chobu algo mais que vinte sacas de arroz em casca ou 15 sacas de arroz descascados, se tanto. Até pesadelos eles me provocavam. Se a plantação fosse deixada à sua mercê, não levaria dois dias para que eles a estragassem completamente. A minha função era colher. Colhia o arroz e o depositava sobre troncos caídos para secar. Após as quatro horas da tarde juntava toda a colheita em um lugar. Meu marido batia as espigas contra troncos de árvores para soltar os grãos que eram colhidos e embrulhados em esteiras. No dia seguinte, os grãos eram expostos ao vento para eliminar as palhas e secar sobre a esteira aberta. À tarde eram guardados em sacos de farinha e transportados



para casa, carregado as costas. Não tínhamos máquinas e por isso o processo era o mesmo das épocas primitivas.

Melhor quando o tempo se fazia firme, apesar do calor. Quando chovia, as espigas colhidas começavam a brotar. O trabalho pesado emagrecia toda a família ao término da colheita nessa área de dois chobu. A malária atacava cada um de nós invariavelmente nessa época. Então, sob o sol escaldante, batíamos os dentes tremendo de frio. Depois, uma febre alta nos fazia arder todo o corpo. Isso continuava por mais de duas horas. O suor ensopava umedecendo até as tábuas por baixo do colchão de palha. Se nos levantássemos ficávamos tontos como sonâmbulos. A cabeça rodava e o ouvido começava a zunir. As vozes das conversas pareciam vir de muito longe. O zumbido era provocado pelo quinino, segundo se dizia. Mas ainda era melhor quando podíamos encontrar remédios. Quando nem mesmo podíamos comprá-los, não havia outra maneira a não ser tomar infusões de raízes e folhas indicadas pelos naturais da região. Assim que a febre baixava, voltava ao trabalho da casa e da lavoura.

No dia seguinte, às mesmas horas, a cabeça voltava a doer, vinha de novo o tremor juntamente com a febre. Éramos pais e filhos emagrecidos ao estado de pele e osso, gemendo deitados em casebres miseráveis. As marcas das injeções cobriam totalmente ambos os braços da criança pequena não deixando área para novas aplicações. Tentavam-se as nádegas. Era preciso pinçar a pele para introduzir a agulha, tamanha a magreza. Uma cena do inferno na terra.

Criávamos galinhas e porcos, nossa única fonte de nutrição. Contudo, a quantidade era pequena e se tornavam preciosidades. O consumo era limitado a apenas uma vez a cada dois meses. A refeição ordinária tinha por base batatas e abóboras cozidas no sal. O arroz era consumido com a máxima parcimônia, pois era o único produto para barganhas. As crianças ficavam desnutridas, o ventre saliente, rosto pálido e inchado, os pés e as mãos magras e nunca sorriam. Todas elas apresentavam desenvolvimento tardio. Conseguiam andar somente após dois anos ou dois anos e meio após nascer. Mesmo assim, eram forçadas a trabalhar a partir dos cinco ou seis anos desde as primeiras horas da manhã para juntar lenha, buscar água, espantar pássaros e capinar todos os dias sem descanso.

A batalha pela sobrevivência não nos permitia comprar-lhe livros. Assim, não sabiam ler, nem escrever.



### 13 – OS ONZE ANOS NA COLÔNIA

A partir do quarto ano começamos a colher o guaraná (produto típico de Maués, básico para a produção de bebidas) que havíamos plantado no início da colonização.

Finalmente a nossa renda começava, aos poucos, crescer. Até então, costumávamos levar abóbora, abacaxis e batata por canoa até a cidade, em um percurso de 12 horas de ida e volta. Mas só conseguíamos obter bagatelas com a venda e nem dava para comprar artigos de necessidade como pretendíamos. Roupas, nem pensar. Re-costurava as roupas que havíamos trazido do Japão. Quando elas se desgastaram por completo, procurei sacos de farinhas. De repente, a casa se enchia de sacos de farinha: camisas, calças, até as roupas de cama eram feitas desse tecido.

Íamos a cada dois meses até o correio da cidade de Maués buscar correspondências. A nossa maior alegria eram as notícias do Japão e as revistas King e Shufunotomo que nos mandavam. Ficávamos frustrados quando nada chegava.

Dei luz a cinco filhos na colônia. Perdi um deles afogado em um poço que o meu marido cavara para se ter fontes de água potável. Trabalhávamos até o limite das nossas forças toda a família. Aos poucos a produção aumentava, entretanto, a malária nos fazia sofrer e éramos atacados por moscas, formigas, mosquitos, morcegos, pássaros, onças e veados.

Não havia perspectiva nenhuma de melhoria das nossas condições, se persistíssemos nessa vida. Os nossos vizinhos que conosco havia ingressado na colônia – os mais próximos estavam a cerca de 200 a 300 metros de distâncias – começavam um após outro a abandoná-la. Estava aflita e ansiosa nessas circunstâncias. ouvíamos falar do senhor Oyama, natural da província de Okayama que havia obtido sucesso na plantação de juta.

Disseram-nos também que muitas famílias estavam sendo bem-sucedidas nessa atividade em regiões a jusante. Preocupado em não se deixar perecer, meu marido partiu com os filhos maiores a procura de trabalho.



## 14 – O ROMPIMENTO DAS RELAÇÕES DIPLOMÁTICAS

Em dezembro de 1941 com a Guerra do Pacífico, o Brasil rompeu as relações diplomáticas com o Japão.

Os japoneses no Brasil tiveram as suas casas revistadas. Espadas, revólveres, espingardas e documentos trazidos do Japão foram apreendidos. Levaram nossa espingarda que havíamos adquirido com muito sofrimento após o susto do jacaré. Foi muito difícil conformar-nos com essa perda. Exigiam que mostrássemos fotografias. Se a foto mostrasse alguém fardado ele era considerado um militar e preso. Quando íamos para compras na cidade, nada nos vendiam por sermos japoneses. Procurávamos então lojas de italianos, holandeses e sírios que nos vendiam escondidos pelas portas do fundo.

Ouvimos falar que os executivos da Companhia de Desenvolvimento da Amazônia foram levados até o Estado do Pará e aprisionados nos porões de navios cargueiros com vigilância noite e dia.

Aqueles que ostentavam posse na cidade ou que eram considerados suspeitos, ou que viviam em conflito constante com os naturais da região eram aprisionados e condenados a trabalhos forçados sob vigilância nas obras de ferrovias nas fazendas de gado no Estado do Pará. As suas famílias abandonadas, quando constituídas apenas de mulheres e crianças eram assaltadas e as mulheres violentadas. As suas casas eram queimadas e até casos de assassinatos aconteceram. Também nós, quando nos dedicávamos à produção da juta, tivemos os nossos botes e barcos a motor roubados. Fomos à polícia reclamar, mas não nos atenderam por sermos cidadãos de país inimigo. Só nos restava resignar.



## 15 – A PRODUÇÃO DA JUTA

Em abril de 1942, abandonamos a colônia e a casa aos quais havíamos nos dedicado de corpo e alma durante mais de onze anos assim como estavam e com poucos pertences, fomos à produção da juta.

Mudamos para a casa de um japonês a um dia e meio de viagem rio abaixo com quatro filhos. Tínhamos resolvido ajudá-lo na produção da juta por um ano como aprendiz. Enfrentamos também ali um trabalho pesado desde manhã até a noite dentro da água, sob chuva ou sol. As crianças eram postas a trabalhar a partir dos cinco anos para capinar e não havia oportunidade para alfabetizá-las.

O rio barrento era pantanoso e por isso ao entardecer, brotavam enxames de mosquitos que invadiam até os olhos e a boca. A região picada pelos mosquitos formava feridas que misturadas ao suor, provocavam coceiras por longo tempo. Mas não eram transmissores de malária e por isso nunca tivemos a doença desde que nos mudamos para cá. Havia muitos peixes que comíamos todos os dias. Assim, pudemos recuperar a saúde.

Após um ano de aprendizado, alugamos um terreno de um português. Construimos nele um barraco para onde nos mudamos. Como não tínhamos dinheiro, o nosso trato com ele foi de plantar mudas de seringueiras (após a colheita da juta) nesse terreno e assim conseguimos alugá-lo por um ano. A juta era semeada em terreno fertilizado pelas águas e lodo nas margens do rio ou nas várzeas rasas em novembro, após aguardar a chegada da seca. Em janeiro, limpava-se a plantação das ervas daninhas e em fins de março e abril, iniciava-se a colheita.

A juta colhida era imersa em água por vinte dias para amolecer, separando-se a fibra do caule. Lavava-se em seguida até ficar branca antes de recolher. Estendia-se um varal a cerca de dois metros de altura perto da casa e pendurava-se nela a fibra da juta para secar. Com o tempo firme, a juta secava em um dia e ficava com uma coloração branca e brilhante. Com o tempo chuvoso a secagem costumava demorar vários dias. Ela ficava amarelada e perdia seu valor. Era necessário estar atento porque podia ser roubada enquanto se secava. Por isso, costumava-se dormir na cabana após a colheita até que fosse vendida.

Na época da colheita os comerciantes com os seus barcos que encostavam em frente a nossa casa para comprar a juta. O seu preço era anualmente fixado pelo governo, mas negociava-se de porta em porta. Os comerciantes apontavam defeitos, argumentavam que havia uma superprodução e o preço estava em queda, tentando comprar barato. Dava trabalho negociar. Começávamos a plantar em uma área de dois chobu e fomos ampliando ano a ano até



chegarmos a sete chobu. Colhemos entre 3 a 13 toneladas no máximo. Iniciamos apenas com a mão de obra familiar, mas à medida em que a produção aumentava, fomos contratando trabalhadores locais residentes. Durante um ou dois meses de colheita, contratamos diversos trabalhadores e a nossa família também trabalhava quase sem tempo para dormir.

Se a colheita não era feita na época apropriada, a fibra endurecia arruinando a qualidade ou então a juta secava em pé. Assim, todos os produtores tratavam bem os seus trabalhadores, oferecendo-lhes transporte por canoa, comida e bebida. Brigava-se entre vizinhos pela contratação de trabalhadores.

Quando a juta alcançava a altura de um metro aproximadamente, parte da plantação era arrancada para abrir espaço entre os pés de cerca de vinte centímetros. Certa manhã ao chegar à plantação para esse trabalho, deparamos com uma área inteira com folhas e brotos devastados. Examinando o local com cuidado, verificamos haver vermes grudados neles que devoravam os pés com voracidade. Assustados, reunimos toda a família e os trabalhadores para esmagá-los um a um todos os dias, quando um forasteiro, natural da região, nos aconselhou a espalhar fumaça na área.

Começamos então a produzir fumaça durante todo o dia ao redor da plantação e entre os pés, tomando cuidado para não atear fogo na plantação. Quando inspecionamos na manhã seguinte, não restava sombra de vermes quer nos pés de juta, quer caídos no chão. Foram rápidos ao atacar, mas também ao recuar, desaparecendo subitamente como vieram em uma só noite. Ainda hoje isso me causa estranheza.

Das jutas devoradas, brotos nasciam com ramificações que resultavam em peças curtas e de má qualidade.

Para a produção da juta, cortavam-se árvores da floresta alagada (terra firme em tempos de seca) em agosto ou setembro, no período da seca, com a ajuda de muitos trabalhadores contratados. Deixava-se secar os troncos cortados por um mês para queimá-los depois. E em novembro, efetuava-se a semeadura. Não havia fertilizantes e tampouco o hábito de utilizá-los. Hoje em dia já existem produtores de fertilizantes. Ao que parece, estão sendo bastante empregados.

Na época, utilizavam-se apenas as cinzas da madeira queimada sobre o terreno coberto de lodo trazido pelas águas. Podia-se produzir dessa forma durante um ou dois anos na mesma área. Por isso, abrem-se novas áreas de plantação na floresta todos os anos para produzir juta. No terreno já utilizado, costumava-se plantar ervas para formar pastagens, quando pertencia à



terra firme. Em terrenos alagados isso era impossível. Aos poucos as árvores renasciam e a floresta se regenerava.

Não se podia produzir juta em grande quantidade em áreas distantes do rio, pois exigia um trabalho muito grande transportá-la após colhida até a água para submergi-la e amolecer a fibra para lavá-la. Assim, nos terrenos elevados, só se produzia juta para a extração de sementes. Em águas rasas não cresciam árvores gigantescas, o que facilitava o preparo de terreno tornando-o ideal para a plantação da juta.

A colheita continuava sobre canoas quando o nível das águas começava subir. O trabalho então não rendia e a juta produzida acabava por apodrecer. Abriram-se todos os anos novas áreas de plantação. Quando não restavam mais áreas novas na propriedade, novos terrenos eram adquiridos ou arrendados para dar continuidade à produção.

Havia muitas terras e o arrendamento era barato no interior, coisa que as pessoas no Japão nunca poderiam imaginar.

## 16 – REDEMOINHO

Em 1942, estávamos no aprendizado da produção da juta no Paraná do Ramos. Certa tarde estava eu trançando cordas de juta em companhia de meu primogênito, Minoru, que não fora trabalhar devido cólicas e das crianças: terceiro filho (Antônio Yasumassa) de cinco anos e da primogênita (Tereza Ayako), quando escutamos gritos desesperados do meu marido:

“Canoa!! Canoa!!”

Minoru saiu correndo. Tomada por um pressentimento ruim, corri para fora com a corda meio trançada nas mãos. Nada havia ao alcance da minha vista, pessoas ou canoa. Subitamente, novos gritos de “Canoa! Canoa!”.

“Mãe é ali, ali!”.

Ao olhar para a direção apontada por Minoru, vi então duas cabeças à flor d’água, ora flutuando, ora afundando, bem distante rio abaixo. Procurei correr até lá para pedir uma canoa emprestada e salvá-los, mas por mais que fizesse não conseguia sair do lugar. Um empregado da casa vizinha à 200 metros rio abaixo, ouviu os gritos de socorro do meu marido e correu para a canoa, salvando-o e ao Jorge, meu segundo filho.

Quando afinal conseguimos chegar (10 botes que se encostaram à margem, Jorge, o meu segundo filho, se agarrou fortemente aos meus pés chorando e gritando): “Mamãe!!” – “Como uma criança tão pequena conseguiu nadar por tanto tempo!”

Enquanto ouvíamos palavras de consolo e elogio das pessoas ao redor, nós nos abraçávamos, pais e filhos, chorando de alegria. Voltamos para casa, Minoru, o primogênito segurando a mão do pai e eu conduzindo Jorge, o segundo pelas mãos. Uma área defronte a casa estava com o capim pisoteado. So então percebi que estivera me debatendo nesse lugar sem conseguir dar um passo a frente e nem gritar, apenas abrindo e fechando a boca em desespero.

Esse afluente do Amazonas chama-se Paraná do Urariá e tem 400 metros de largura. O meu marido estivera lavando juta do outro lado da margem auxiliado pelo Jorge, meu segundo filho. Havia recolhido a juta lavada ao bote e remava de regresso quando, já próximo à margem deste lado, fora colhido por um redemoinho. Em um instante, o bote se aprumara e afundara com a juta. Os dois foram tragados também e arrastados rio abaixo, conseguiram escapar do redemoinho gritando por socorro enquanto nadavam.



## 17 – O BOTO

Em 1930, quando mal havíamos chegado ao alojamento de Maués, fomos convocados para um reunião no alojamento. Nessa oportunidade, o senhor Ishii, representando o administrador, iniciou a reunião com a seguinte recomendação

– “As mulheres não devem ir ao rio durante o período menstrual e nem lavar roupas ou jogar água sujas pela menstruação no rio”. Explicou-nos então o seguinte: “No rio Amazonas existem peixes do tamanho de um bezerro chamados de boto, que ao sentir o cheiro da menstruação, acorrem em bando para arrastar mulheres ao rio, carregando-as com as suas nadadeiras enquanto nadam de costas. Transportam-nas a um lugar ermo para violentá-las. O seu membro sexual mede mais de 30 centímetros e as mulheres violentadas acabam fisicamente destruídas e morrem. Mesmo que escapem com vida, tornam-se inúteis e psicologicamente abaladas. Existem muitas delas por aí. As mulheres não devem também andar de canoa durante a menstruação. Os botos levantam as Canoas pequenas em suas costas virando-as. Todos ouvimos em silêncio com um frio nas espinhas em pleno calor da Amazônia. Disseram-nos que nessa região até as escolas permitiam as alunas que frequentavam as aulas em Canoas faltarem nos períodos de menstruação, para evitar riscos. Certa manhã saí até o rio para buscar água e lavar a roupa, quando repentinamente, os naturais da região começaram a ficar agitados, batendo em latas e gritando. Vi então um bando de criaturas cor de rosa, animais ou peixes, do tamanho de um bezerro, avançando em direção à margem e levantando espumas.

Os homens gritavam com toda força enquanto batiam em latas e corriam de um lado a outro afastando as mulheres que lavavam a roupa na margem, como se quisessem afugentá-las dali. Não entendia o que diziam, mas pelas espumas e pelo estado das pessoas, recordei-me imediatamente da conversa que tivemos no alojamento. As mulheres pareciam aturdidas e imobilizadas e permaneciam paradas, abobalhadas. Com o barulho produzido pelos homens, o cardume de peixes desapareceu sob as águas. Os que atacam as mulheres são chamados de botos vermelhos e os machos têm uma coloração cor de rosa. Os que tem a coloração negra são inofensivos.

Quinze anos após, tínhamos aberto um pequeno comércio de roupas de trabalho, comestíveis, artigos de necessidades e remédios que explorávamos enquanto produzíamos a juta. Então, certo dia, veio uma mulher natural da região comprar açúcar e café. Era uma velha de aspecto abobalhado como alguém que tivesse perdido a alma. Senti um arrepio quando me estendeu as mãos para receber a mercadoria.



Tinham uma aparência melosa, pareciam ter sido mergulhadas em grude e retiradas. Não estavam molhadas, mas pareciam pegajosas. Quando ela se foi perguntamos aos que ali estavam o que se passava com ela, mas nos respondiam apenas com sorrisos. Mais tarde, alguém nos disse:

“Aquela mulher foi possuída por um boto e desde então a sua pele ficou assim pegajosa”.

“Não tem filhos?”

“Tem três, que nasceram antes. Por isso eles são normais, todos já casados. Mas a mãe deles teve o corpo e o espírito alterados. Ela tem corrimento frequente e nem pode trabalhar. Separou-se dos filhos e vive agora sozinha”.

Isso aconteceu depois que nos mudamos para Manaus. Enquanto aguardava o ônibus no porto, chegou uma jovem de 17 ou 18 anos conduzida pela avó. A pele da menina tinha uma coloração pálida e esverdeada semelhante à do ventre de um peixe e parecia pegajosa, como se houvesse sido imersa em goma de lavar. Os seus olhos tinham uma íris avermelhada e pareciam não enxergar bem na claridade. Erguia a cabeça e apertava as pálpebras em linha. Não consegui vê-los, mas as pessoas sussurravam dizendo:

“Parecem olhos de boto e dizem que enxergam bem no escuro”. Ela não tomou o nosso ônibus. No ponto, todos a observavam calados, mas no ônibus, onde ela já não se encontrava, comentavam em segredo: “Ela é filha de boto”.

O boto ao emergir, volta o seu ventre e aponta o seu pênis para cima urinando para o ar, ao terminar, gira novamente o seu corpo e se esconde sob as águas. O seu pênis é tido como afrodisíaco e seus olhos dizem atrair as mulheres, para quem os possui. Por isso, são vendidos a altos preços. Dizem que quando se encontram botos mortos, invariavelmente eles estão com os olhos e os pênis arrancados.

(Relato de Yayoe, minha irmã)

“Quando vi a imagem de um lobo marinho, pela televisão em Tada, fiquei assustada”.

“Parecia-se com um boto”



## 18 – TRANSFORMAÇÕES

Ocorreu em 5 de outubro de 1947.

Havíamos comprado um terreno nas proximidades, no ano anterior, com o lucro obtido pela produção da juta. As crianças estavam bem crescidas, nos ajudavam bem e estávamos contentes, pois a vida melhorava, quando o meu marido sofreu um grave acidente.

Ele estava derrubando uma árvore na floresta quando um cipó tolheu os seus pés e atrasou a sua fuga. Um galho atingiu o seu quadril, aleijando-o. Regressou à casa carregado pelas pessoas da região e ficou preso à cama por três meses. Depois, conseguia andar, mas caminhava curvado, mancando. Embora aleijado, recuperou a saúde e passados trinta anos ainda trabalha. Após doze anos nesta terra produzindo juta, ele adquiriu um motor de 12 cavalos que instalou em um barco, passando a trabalhar nele.

Entretanto, o esforço de longos anos arruinou a minha saúde e passei um período da minha vida internada em um hospital na cidade de Santarém no Estado do Pará. Passada essa fase pensei na educação e no futuro dos meus filhos e em março de 1957, mudamo-nos para Nova Olinda do Norte, às margens do Rio Madeira.

Meu marido resolveu trabalhar como eletricista e mecânico de manutenção de máquinas na Petrobras, uma companhia petrolífera que tinha uma base em Nova Olinda do Norte. De agricultor passara a ser um assalariado.

Nossos três primeiros filhos: Minoru, Jorge e Antônio, permaneceram no Paraná do Ramos, dando continuidade à produção de juta e administrando o patrimônio da família, construído ao longo desses anos de muito sacrifício e trabalho. Trouxemos os quatro filhos menores conosco para a cidade de Nova Olinda do Norte.

Desde então, eles passaram a frequentar cursos e mais cursos. No período da manhã, a escola primária; à tarde, cursos de corte e costura a máquina, de manufatura, de artesanatos, de flores artificiais e de datilografia. Estavam aproveitando cada minuto para aprender.

Em janeiro de 1966, meu marido foi despedido do emprego e voltou ao interior para tentar continuar a produção da juta, mas não conseguiu mais suportar a dureza do trabalho devido sua idade.

Com o dinheiro recebido da indenização da Petrobras, comprou uma casa na pequena cidade de Itacoatiara onde passou a viver sozinho do pequeno comércio de combustível e artigos de necessidade. Hoje conta com a ajuda do terceiro filho (Antônio Yasumassa).



Em maio de 1968, comprei uma casa em Manaus, capital do Estado do Amazonas, pelo SFH (Sistema Financeiro de Habilitação) em 360 prestações mensais. Passamos a morar nela em cinco pessoas: eu, as minhas três filhas (Tereza, Hiromi e Carolina) e o filho caçula (Francisco José).

Após meu marido ficar desempregado, as minhas filhas passaram a trabalhar como dosméticas em casas de famílias não japonesas para continuarem os estudos.

Somos atualmente:

- Meu marido: Kiyochi Iwata, 71 anos, proprietário de um posto de combustível em Itacoatiara.
- Eu: Kimie Iwata, 64 anos, dona de casa, vivendo com as filhas em Manaus.
- Filho primogênito: Minoru Iwata, 44 anos, sem instrução. Produtor de juta no Paraná do Prêto (20 *chobu*). Casado e tem oito filhos.
- Segundo filho: Jorge Iwata, 42 anos, sem instrução. Produtor de juta no Paraná do Prêto (10 *chobu*) e Criador de gado – 25 cabeças. Casado e tem oito filhos.
- Terceiro filho: Antônio (Yasumassa) Iwata, 36 anos, cursou até o terceiro ano primário. Reside em Itacoatiara, trabalhando com o pai no posto de combustível. Casado e tem três filhos.
- Filha primogênita: Tereza (Ayako) Iwata, 34 anos, cursou até a terceira série ginásial. Reside em Manaus e possui um pequeno comércio de alimentos e armarinho.
- Segunda filha: Hiromi Iwata, 29 anos, cursando terceiro ano na Faculdade de Administração, curso noturno (responsável pela direção dos negócios da família). Secretária Executiva na Companhia Industrial do Norte – CIANORTE, empresa comercial. Reside em Manaus com a mãe na casa cedida pela empresa.
- Terceira filha: Carolina Iwata, 25 anos, cursando 2º ano de Psicologia na Universidade Federal da Paraíba. Casada com engenheiro civil, reside em João Pessoa - Paraíba e tem um filho. Cumprindo os deveres de esposa, mãe, nora e estudante. Embora sem problemas de ordem financeira, leva uma vida atarefada.

## 19 – RESENHA BIOGRÁFICA

- 25 de Março de 1922 Concluiu o curso primário na Escola Primaria de Shimo-Yamasa, em Vila Yamasa.
- 20 de Outubro de 1929 Casa-se com Kiyochi Iwata, residente nessa Vila. Passa residir em Ikeda, cidade de Osaka, acompanhando o marido que se emprega na Companhia de Bondes Elétricos de Osaka.
- 14 de Maio de 1930 Parte do porto de Kobe para o Brasil.
- 22 de Julho de 1930 Chegada ao alojamento da colônia de Maués.
- 27 de Setembro de 1930 Nasce o primogênito, Minoru Iwata.
- 17 de Novembro de 1930 Entrada no sítio da colônia. Nasceram aqui 4 filhos: Jorge, Antonildo (Takushito), Antônio (Yasumassa) e Tereza (Ayako). O Antonildo morreu afogado.
- Abril de 1942 Muda-se para Paraná do Urariá e inicia o aprendizado de produção da Juta.
- Julho de 1943 Muda-se para Paraná do Ramos e inicia a produção da juta. Nasceram aqui quatro filhos: Hiromi, Eduardo (Tiyomassa), Carolina (Tsuyako) e Francisco José. Eduardo morreu de desnutrição.
- Março de 1957 Muda-se para Nova Olinda do Norte – base da Petrobras, onde meu marido se empregou como eletricitista e mecânico de manutenção de máquinas.
- Abril de 1958 Envia o filho caçula à escola, pela primeira vez.
- Julho de 1964 O filho primogênito e o segundo filho se mudam para Paraná do Preto para iniciarem na produção de juta e criação de gado.



Janeiro de 1966	Meu marido é despedido da Petrobras (a base de Nova Olinda do Norte é desativada) e retorna ao Paraná do Ramos onde reside o terceiro filho, para produzir juta.
Novembro de 1966	Meu marido vai sozinho para Itacoatiara iniciar exploração de posto de combustível.
16 de Março de 1968	Muda-se para Manaus. Tereza, a filha primogênita, consegue uma casa com financiamento do BNH. É a residência atual da família.
27 de Julho de 1974	Visita à terra natal.
4 de Dezembro de 1974	Intenção de regresso ao Brasil.

## 20 - LOGÍSTICA DE DESLOCAMENTO ENTRE OS LOCAIS POR ONDE MOREI

Tabela com indicativos de tempos gastos na logística de deslocamento entre os locais por onde morei:

Belém ..... Maués	6 dias e uma noite de barco a lenha.
Cidade de Maués ..... Colônia	6 horas e meia rio acima, de canoa.
Colônia de Maués ..... Jutal no Urariá	2 dia rio abaixo, de canoa.
Urariá ..... Paraná do Ramos	1 dia rio abaixo de canoa, depois rio acima.
Paraná do Ramos ..... Paraná do Prêto	6 horas rio acima de canoa, depois rio abaixo.
Paraná do Ramos ..... Nova Olinda Norte	2 dias e meio rio acima, de barco motorizado.
Paraná do Ramos ..... Itacoatiara	8 horas rio acima, de barco motorizado.
Itacoatiara ..... Manaus	4 horas de ônibus.

## 21 – RETORNO À TERRA NATAL

Chego ao Aeroporto de Haneda em 27 de Julho de 1974.

Aguardam-me no Aeroporto com uma faixa onde se lê em letras bem grandes: “Recepção a Sra. Kimie Iwata” e chego à casa onde moram minha irmã e sua família, em Yokohama.

Tomo o primeiro banho de *ofurô* (N. do T.: banho de imersão em água quente, ao estilo japonês) após 45 anos. Imersa até o pescoço na banheira branca, abandono o meu corpo à água quente que me envolve suavemente. Até que enfim, estou de volta ao Japão!

Na região amazônica sob o equador só existem as estações chuvosa e seca. O calor se faz presente o ano todo. Toma-se banho em bacias ou no rio. Após a mudança para a cidade, tomava-se banho frio de chuveiro. Assim, é a primeira vez após meio século que tenho a oportunidade de experimentar um banho quente de *ofurô*. Sinto-me relaxada de corpo e alma.

Enquanto me sirvo da refeição carinhosamente preparada à mesa cheia com um enorme pargo e outras iguarias da deliciosa culinária japonesa, a conversa prossegue sem fim.

Somente às duas horas da madrugada me dirijo ao leito para passar a minha primeira noite no Japão.

Esta minha irmã de Yokohama nasceu após a minha partida para o Brasil e foi assim o nosso primeiro encontro. Parece-se muito com a nossa mãe e a reconheci à primeira vista. Delicada, nem dá a impressão de nos termos encontrado pela primeira vez. O meu cunhado, seu marido, é um homem bondoso e muito solícito. Os seus filhos logo se afeiçoaram a mim e me chamam por tia.

Na noite de 6 de agosto, acompanhada da minha irmã de Yokohama e da sua família, embarco no célebre *Hikari Shinkansen* (N. do T.: trem japonês de alta velocidade) e chego a estação de Yasugi. Meu irmão me aguardava. Tomo o seu carro e chego a casa da minha família, na vila Yamasa, Nogi-Gun, Província de Shimane.

Meus velhos pais, minhas irmãs e cunhados me recebem em festa. Estou na minha terra natal, sempre presente em meus sonhos, mas, onde nunca esperava voltar um dia. O sonho se realizara. A emoção assola o meu peito e nem consigo sentir o gosto das iguarias que abarrotam a mesa.

Pessoas e mais pessoas chegam para me ver.



Visita aos parentes, reunião de ex-alunos da escola primaria, viagem a Ise, passeio à região de Izumo, sou levada de um lado a outro. Acabei conhecendo aspectos do Japão e apreciando a sua culinária que antes nem conhecia.



## 22 - O JAPÃO APÓS MEIO SÉCULO

Havia comprado a passagem aérea por 700 dólares e trazido 200 dólares comigo nesta viagem ao Japão. A bagagem de mão havia ficado excessiva e acharam que seria um transtorno durante a viagem para uma pessoa de idade e desacompanhada. Assim, os presentes que comprara em Manaus acabaram retornando para casa pelos meus filhos que me levaram ao aeroporto de Manaus.

Ao chegar ao Japão, troquei o dinheiro que trouxera por moeda do país para comprar presentes. Os 200 dólares eram uma fortuna que nunca tivera em mãos. Pretendia com ela comprar presentes para dar no Japão e para trazer no regresso ao Brasil.

Havia dito à minha irmã de Yokohama:

“A minha filha me pediu um quimono japonês e eu queria comprar um bem bonito. No Brasil, recebemos convites do consulado para as comemorações do Ano Novo, do aniversário do imperador e da Independência do Brasil. Queria que ela vestisse nessas ocasiões”.

Por um momento, ela ficou a me olhar, espantada, depois começou a rir.

“Olhe, trocando os seus 200 dólares, deu apenas 59.500 ienes. Com esse dinheiro é impossível comprar um quimono japonês para ser usado em recepções de embaixada”.

Fiquei envergonhada e preocupada em como iria passar os dias no Japão.

Ao que parece, ela comentou a minha pretensão de comprar um quimono com apenas 50.000 ienes para levar de volta ao Brasil como um episódio curioso, dizendo: “Acho que a ideia que ela tem do valor do dinheiro japonês está totalmente desatualizada”.

Isso me causou constrangimentos depois nos lugares em que fui, mas o tratamento carinhoso que me deu, tentando consolar-me do longo período de sofrimentos me deixou agradecida até às lágrimas.

Entretanto, estava pouco à vontade. Não era só o pavor do frio que fazia ansiar pelo retorno ao Brasil onde os meus filhos me aguardavam. O mar de gente em Yokohama e Tóquio era apavorante. Provocava-me tontura e mal-estar. Era levada às compras e refeições em horas de pouco movimento.

Pensava:

“Mas quantos japoneses hoje na rua!”

E logo depois:





“Mas é claro, estou no Japão!”. Punha-me a rir com a minha irmã. Em Manaus, quando via um japonês, ficava tomada de saudades e passava a segui-lo por momentos. Dava-me uma imensa vontade de conversar com ele, saber para onde estava indo e o que fazia.

Excetuando a quantidade demasiada de gente, o aspecto das cidades, buliçosas e cheias de edifícios altos, não me surpreenderam, pois já o conhecia pelas revistas e televisão. Mas o interior estava muito diferente daquela imagem que guardava em meus olhos. Essa transformação dava-me alegria, mas também uma ponta de melancolia, deixando-me confusa.

As ruas estavam pavimentadas, cada casa possuía um ou dois automóveis utilizados como meio de transporte ao serviço, no trabalho e no lazer. Antigamente, não podíamos sequer tomar o ônibus que rodava apenas uma vez ao dia em percurso de ida e volta até a cidade distante, e andávamos até lá carregando fardos às costas...

Segundo me disseram, em todas as casas existem televisores a cor, geladeira e telefone. Muitos lavradores possuem máquinas agrícolas, não somente para revolver o terreno, capinar, debulhar, mas também *combines* secadeiras neste vilarejo de Yamassa.

Hoje vestem-se melhor. Roupas de qualidade outrora domingueiras são usadas cotidianamente. A alimentação é farta e ao que parece, as sobras são jogadas fora.

Na reunião de ex-alunos, as pessoas de idade diziam:

“Lá em casa, quando os meus netos beliscam um pouquinho de *tamagoyaki* (N.do T.: iguaria à base de ovos), *kamaboko* (N. do T.: massa produzida com a carne de peixe) e croquetes, a minha nora joga fora todas as sobras. Digo-lhe que é um desperdício e elas me respondem: Vovó, se você quer tanto, coma você mesma. Ora, porque tenho de comer sobras dos netos e restos de lanches que nem a mãe deles come! Faço de conta que nada vi. Antigamente, *tamagoyaki* e *kamaboko* eram guloseimas que não nos deixavam comer a não ser em festas e em excursões”.

Pareceu-me que eles se gabam das condições atuais de fartura e sentem-se felizes com isso, mas ao mesmo tempo se preocupam com o desperdício e se perguntam se devem continuar dessa forma...

Fábricas foram construídas onde havia plantações. Pinheiros, ciprestes e cedros estão sendo plantados até o cume dos morros em projetos de reflorestamento planejado ou então, são plantações de pera e pêssego que ocupam os morros.

Em nenhuma parte, se veem os casebres de outrora. Novas construções, ampliações e



reformas disputam espaços entre si demonstrando uma opulência de arregalar os olhos. Mas as mansões pertencentes antigamente aos poucos ricos apresentam-se com os muros imponentes caídos; armazéns e recintos dos serviçais desapareceram denotando muitas delas uma decadência que faz sentir a passagem dos tempos.

No Brasil, a população é menor. Mas tanto nas cidades como no interior, onde existe uma casa, existem crianças gritando e correndo por toda parte. Nesta vila onde nasci, vivem apenas adultos e idosos em casas espaçosas.

Mesmo em lares com crianças são apenas uma ou duas. É tranquilo, mas deixa uma impressão de vazio, de tristeza.

Os morros estão próximos e parecem querer cair sobre nós. Tudo é pequeno e faz lembrar um jardim em maquete.

Levam-me de carro a qualquer lugar o que é confortável. Entretanto as rodovias são estreitas, deixando-me aflita por temer uma colisão ou queda em um barranco.

A região amazônica é planície a perder de vista, florestas e rios. A sua extensão não tem limites. Porém, a Amazônia vista do avião parecia ser formada de ilhas verdes espalhadas no meio d'água. Isso porque o rio Amazonas e seus afluentes formam uma rede de rios, lagos e igarapés, que parecem cortar a terra em pedaços.

O transporte é efetuado em sua maioria por barco ou avião. Não existem ferrovias. Temos poucas rodovias. As casas ribeirinhas todas possuem canoas ou barcos a motor que fazem o papel dos automóveis no Japão.

Carros e aparelhos de televisão são propriedade apenas dos ricos e dos altos funcionários. Para se viajar até as proximidades sem passar por um rio, utiliza-se o ônibus.

Em visita ao Templo de Ise, vi muitas pessoas admirando um enorme pinheiro de mil e poucas centenas de idade. Entretanto, árvores daquele porte eram comuns nos sítios das colônias no Amazonas. Quando abrimos a floresta, tivemos que derrubar árvores ainda maiores, apenas com machado e serrote. Mais de dez anos na colônia. Ao recordar-me agora dos sofrimentos dessa época, ainda sinto calafrios. Nem sei como sobrevivi.

As famosas folhas avermelhadas do outono que cobrem o monte *Sanhei* como um brocado são realmente muito lindas. A Amazônia não conhece o outono, nem o inverno, as folhas estão sempre verdes. Não se tem a oportunidade de ver ali folhas avermelhadas. Existem pequenos acidentes de terreno, mas nada que se pareça com um morro. É tudo Floresta,



planície, campo ou pastagem.

As áreas próximas às habitações estão abertas e existem plantações. Estava na minha saudosa terra, mas tamanha era a sua transformação que por instantes, me senti uma estranha. Nessa hora, as pessoas que falavam comigo no meu dialeto natal transportavam-me ao passado saudoso.

De Tóquio à Nejima onde nasci, tantos eram os sinais de riqueza que via por toda parte que não pude conter a admiração e alegria. “Como conseguiram se recuperar após a Segunda Grande Guerra!”.

Agora, quando após três meses de estada o dia do meu retorno se aproxima, fico preocupada. Poderá este país industrializado, que se dedica apenas em transformar a matéria-prima importada do estrangeiro manter toda esta opulência por longo tempo?

Começo a sentir fragilidade neste desenvolvimento. Estaria bem assim? O futuro de minha pátria passa a preocupar-me. Dizem que vão construir uma represa em Kami-Yamasa para abastecer a água em Matsue e que irá passar uma estrada de 7 metros de largura em frente à casa da minha família, partindo daquele local. O povo de Yamasa está contente, porque isso lhe trará mais empregos e favorecerá as condições de transporte. Mas, muitas plantações e hortas serão extintas.

Causam-me inveja o atendimento médico, as pensões por velhice, as instalações de lazer e de assistência social, os ônibus escolares, as refeições escolares, o fornecimento gratuito de livros-textos dos cursos de educação obrigatórios, enfim, o nível dos serviços sociais incomparavelmente superior ao brasileiro.

O Japão é um belo país, onde existem as quatro estações. Espero que pelo menos um dos meus numerosos filhos tenha a oportunidade de visitar algum dia este país para apreciar com seus próprios olhos esta pátria das cerejeiras em flor. Minha terra, que me recebeu e me acolheu com carinho!

Mas, o país onde devo viver é o Brasil. Voltarei revigorada para a terra do verão eterno, onde me aguardam meu marido, meus filhos e netos.

Muito obrigada a todos. De toda a alma, desejo lhes que permaneçam para sempre saudáveis. *Sayonara*.

Novembro de 1974. Kimie Iwata  
Rua José Monteiro, nº 3-A, Bairro: Japiimlândia



CEP: 69078-400  
Manaus, Amazonas, Brasil  
Telefone: (92) 611-4385 / Celular: (092) 9994-3377 (Hiromi Iwata)

## 23 – A CIDADE ONDE MORO (MANAUS)

Manaus é a capital política e econômica do Estado do Amazonas, cuja superfície é seis vezes a do Japão. Está a meio curso do maior rio do mundo, o rio Amazônas.

A maior parte das ruas possui pavimentos de macadame e existem muitas construções de tijolo, resquícios faustosos do período da borracha.

Era uma cidade imutável, adormecida no tempo. Entretanto, após o advento da Zona Franca, começou a modificar-se com rapidez espantosa, em menos de dez anos. Prédios altos começaram a ser erguidos um após o outro, automóveis inundaram as ruas tornando-as apertadas, muitos ônibus passaram a circular. A cidade ficou cheia de gente e as lojas se enfeitaram para atrair fregueses. A quantidade de casas bancárias cresceram de repente.

Empresas comerciais singram os rios com seus barcos a motor, compram juta, borracha, resinas, guaraná, vime, pimenta preta, castanha, palha e madeira, para vendê-los aos navios estrangeiros e comercializam produtos estrangeiros raros no mercado que expõem nas suas enfeitadas vitrines.

Com a transformação na Zona Franca, os impostos baixaram. Os ricos e os comerciantes de todo o mundo afluem para cá de avião, comprar as mercadorias para revendê-las a dezenas de vezes o preço pago, retornando para novas compras. A partir deste ano, são dois os aeroportos que operam na cidade de onde cargas e passageiros são transportados a toda hora. A nossa modesta residência se situa a cerca de dez minutos de ônibus do velho aeroporto.

Existem diversas casas comerciais japonesas que vendem praticamente de tudo a começar por comestíveis.

Os artigos mais procurados na região são os tecidos vistosos, máquinas, aparelhos elétricos, câmeras fotográficas, relógios, isqueiros, aparelhos médicos, seguidos de laqueados, porcelanas, bonecas e bijuterias como colares e broches. Sandálias de borrachas e chinelos de feltro são conhecidas por sandália japonesas e são muito procurados.

Exceto os artigos de necessidades, os demais são vendidos a preços exorbitantes. Nós vamos ao *shopping centers* apenas para admirá-los.guardo ansiosamente que os nossos filhos se formem, sonhando um dia ir a esses lugares para compras.

(Pós-escrito pela irmã Yayoe em maio de 1975)



6 de dezembro de 1974	Partida do Aeroporto de Haneda.
8 de dezembro de 1974	Chego à minha casa em Manaus.
Março de 1975	Conclusão da grande reforma do Teatro Amazonas. O presidente do Brasil comparece a Manaus para a inauguração, trazendo como presente uma balsa (com capacidade para 27 veículos e mais de 120 pessoas). Essa balsa era usada na travessia Rio-Niterói e estava desativada após a construção da ponte. Está em operação no Rio Negro desde 16 de abril, fazendo cinco travessias por dia.
12 de abril de 1975	Minha segunda filha, Hiromi, adquire um automóvel para nossa casa.
26 de abril de 1975	O telefone é instalado na nossa casa.
Novembro de 1974	Data prevista para a conclusão do novo aeroporto. Entretanto não foi concluído devido aos custos da construção da rodovia federal, que ultrapassou as previsões. Após sua conclusão, este novo aeroporto – “Eduardo Gomes” – será destinado ao uso da aviação civil e o velho aeroporto - “Ponta Pelada” - ao uso militar.



# SOBRE A AUTORA



**KIMIE IWATA**

A autora é natural da província de Shimane-ken, situado ao lado do Mar do Japão na região de Chugoku. Concluiu o curso primário na Escola Primária de Shimo -Yamasa. Casada com Kiyochi Iwata e aos 18 anos de idade, juntamente com o seu esposo, partiu do porto de Kobe com destino ao Brasil em 14 de Maio de 1930. Chegou ao destino em 22 de julho de 1930. Posteriormente visitou a sua terra natal em 27 de julho de 1974 e retornou ao Brasil em 06 de dezembro de 1974.





*Da esquerda para a direita: minha mãe, meu esposo, meu cunhado, eu e meu pai. Em 1930 no Japão.*



*Eu, em Nova Olinda do Norte no Amazonas. Década de 1960.*



*Eu e minha filha Hiromí em Manaus. Década de 1980.*

[www.editorapublicar.com.br](http://www.editorapublicar.com.br)  
[contato@editorapublicar.com.br](mailto:contato@editorapublicar.com.br)  
@epublicar  
[facebook.com.br/epublicar](https://facebook.com.br/epublicar)

ÀS MARGENS DO RIO  
**AMAZONAS**

KIMIE IWATA



**2022**

[www.editorapublicar.com.br](http://www.editorapublicar.com.br)  
[contato@editorapublicar.com.br](mailto:contato@editorapublicar.com.br)  
@epublicar  
[facebook.com.br/epublicar](https://facebook.com.br/epublicar)

ÀS MARGENS DO RIO  
**AMAZONAS**

KIMIE IWATA



**2022**